

DISCÍPULO:

[140] Não é permitido falar sobre isso, a não ser aos discípulos.

ESTREPSÍADES:

Pois então me fala sem receio, pois eu vim aqui ao Pensatório como discípulo.

DISCÍPULO:

Falarei, mas é necessário tomar essas coisas como mistérios. Sócrates acabou de perguntar a Querefonte [145] a que distância pula uma pulga, tomando por medida o tamanho dos pés dela própria – pois, tendo picado a sobrançela de Querefonte, pulou para a cabeça de Sócrates.

ESTREPSÍADES:

Então, como ele mediu?

DISCÍPULO:

Da maneira mais engenhosa. Tendo derretido cera e depois capturado a pulga, [150] mergulhou na cera os dois pés dela. Em seguida, a cera esfriou e formaram-se sapatinhos. Depois de soltar os sapatinhos, mediram cuidadosamente o espaço.

Nicoll Rosa, versos 153 a 297

ESTREPSÍADES:

Ó Zeus rei, que sutil inteligência!

DISCÍPULO:

Que tal, se ouvisses outra ideia de Sócrates?

ESTREPSÍADES:

[155] Qual? Me conta?.

DISCÍPULO:

Querefonte de Esfeto perguntou-lhe o que achava: se o mosquito zumbia pela boca ou pelo rabo.

ESTREPSÍADES:

E então? O que ele disse sobre o mosquito?

DISCÍPULO:

[160] Afirmava que o intestino do mosquito é estreito; e que o vento passa com força por ele, que é delgado, e vai direto para o rabo; em seguida, que o cu, adjacente à parte estreita, ecoa devido à força do vento.

ESTREPSÍADES:

[165] Então o cu dos mosquitos é uma trombeta! Ó triabençoador observador de entranhas! Sem dúvida, facilmente escaparia da justiça alguém que distingue o intestino do mosquito.

DISCÍPULO:

Mais cedo, um lagarto tirou-lhe um grande pensamento.

ESTREPSÍADES:

[170] Como assim? Me conta.

DISCÍPULO:

Quando ele investigava os trajetos e as revoluções da lua, à noite, com a boca aberta e a cabeça levantada, do telhado o lagarto cagou nele.

ESTREPSÍADES:

Adorei isso de o lagarto cagar na cabeça de Sócrates!

DISCÍPULO:

[175] E ontem à noite não tivemos jantar.

ESTREPSÍADES:

Ah é? E então como arranjou o que comer?

DISCÍPULO:

Na mesa salpicou uma camada de cinzas, curvou um espetinho, o usou como um compasso e surrupiou o manto da palestra, como aquele outro que também o fez, no ginásio¹⁵.

ESTREPSÍADES:

[180] E por que admiramos o tal Tales?! Abre, abre o Pensatório, vai! E me mostra Sócrates o mais rápido possível! Desejo me tornar seu discípulo: abre a porta. (*Entra e vê algumas figuras estranhas*) Ó Hércules, de onde vieram esses bichos?

DISCÍPULO:

[185] Por que o espanto? Com quem achas que são parecidos?

ESTREPSÍADES:

Com os prisioneiros lacedemônios que trouxeram de Pilos¹⁶. Mas por que aqueles ali estão olhando para a terra?

DISCÍPULO:

Procuram o que há debaixo da terra.

ESTREPSÍADES:

Então procuram cebolas¹⁷. Não vos preocupeis mais com isso, [190] pois eu sei onde há umas grandes e lindas! E o que estão fazendo aqueles ali bem abaixadinhos?

DISCÍPULO:

Esses estudam as profundezas do Tártaro.

¹⁵ Passagem controversa. Segundo Dover (p. 119-120), o roubo de roupas e de outros pertences em banhos públicos, ginásios e escolas de luta livre era uma categoria diferente de crime, severamente punida. Ele entende que a passagem queira significar "ele roubou seu manto da escola", como quem quer dizer "ele não é confiável".

¹⁶ Em 425, pouco tempo antes da encenação das *Nuvens*, os generais atenienses Cléon e Demóstenes haviam capturado 292 espartanos na ilha de Esfacteria, próxima a Pilos, que permaneceram presos até a paz de Nícias, em 421.

¹⁷ *Bolbós*, na verdade, designa vegetais que são raízes, tubérculos e bulbos.

ESTREPSÍADES:

E por que o cu fica olhando para o céu?

DISCÍPULO:

Ele estuda astronomia por conta própria. [195] (*Se dirige aos discípulos*) Entrai logo, para que ele não vos encontre.

ESTREPSÍADES:

Ainda não, ainda não! Deixe que fiquem, pois tenho ainda uma coisinha para lhes comunicar.

DISCÍPULO:

Não, eles não podem passar tanto tempo aqui fora ao ar livre.

ESTREPSÍADES:

[200] Pelos deuses, o que é isto? Me conta!

DISCÍPULO:

Esta é a astronomia.

ESTREPSÍADES:

E isto, o que é?

DISCÍPULO:

Geometria.

ESTREPSÍADES:

E serve para quê?

DISCÍPULO:

Para medir a terra.

ESTREPSÍADES:

A terra loteada¹⁸?

DISCÍPULO:

Que nada: toda a terra!

ESTREPSÍADES:

[205] Não deixa de ser uma ideia democrática e útil.

DISCÍPULO:

Olha aqui um mapa do mundo. Vês? Aqui é Atenas.

ESTREPSÍADES:

O quê? Eu não acredito, não estou vendo juízes sentados <no tribunal>.

DISCÍPULO:

Acredite, aqui é exatamente o território ático.

ESTREPSÍADES:

[210] E onde estão os meus amigos de Cicina?

DISCÍPULO:

Estão aqui. E a Eubeia, como vês, se estende bastante ao longo da costa.

ESTREPSÍADES:

Sei: ela foi esticada por nós e por Péricles¹⁹. Mas onde está a Lacedemônia?

DISCÍPULO:

Onde? Aqui!

18 Trata-se de porções de terra em países estrangeiros, conquistados por Atenas, que podiam ser divididos entre cidadãos.

19 Alusão à expedição comandada por Péricles a fim de reprimir uma rebelião Eubeia, em 446.

ESTREPSÍADES:

[215] Como está perto de nós! Presta atenção nisso e vê se a afasta para bem longe de nós!

DISCÍPULO:

Mas é impossível.

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, depois não digam que não avisei! Mas olha só: quem é o cara dentro da cesta?

DISCÍPULO:

É o próprio.

ESTREPSÍADES:

O próprio quem?

DISCÍPULO:

Sócrates.

ESTREPSÍADES:

Oh, Sócrates! Chama-o para mim, mas alto.

DISCÍPULO:

[220] Chama-o tu mesmo; não tenho tempo.

ESTREPSÍADES:

Ô Sócrates! Ô Socratesinho!

SÓCRATES:

Por que me chamas, ó efêmero?

ESTREPSÍADES:

Primeiro me diz, eu te imploro, o que tu estás fazendo.

SÓCRATES:

[225] Caminho no ar e observo o sol.

ESTREPSÍADES:

Então tu observas os deuses da cesta, e não da terra?²⁰

SÓCRATES:

Eu não teria corretamente descoberto as coisas celestes se não tivesse suspenso o intelecto e o pensamento, [230] e misturado o pensamento, que é sutil, com o ar, que lhe é afim. Se, estando no chão, eu especulasse de baixo sobre as coisas de cima, nunca as teria descoberto. Porque a terra forçosamente atrai para ela mesma a seiva do pensamento. Agriões sofrem a mesma coisa.

ESTREPSÍADES:

[235] O quê? O pensamento atrai a seiva para os agriões? Então vem, Socratesinho, desce aqui comigo, que é pra me ensinares aquelas coisas pelas quais eu vim.

SÓCRATES:

E por que tu vieste?

ESTREPSÍADES:

Desejo aprender a falar; [240] sou pilhado, saqueado pelos juro e por insuportáveis credores, e confiscam meus bens.

SÓCRATES:

E como te endividaste sem perceber?

²⁰ No verso anterior, Aristófanes emprega o verbo *periphoneîn* ("abarcar com o pensamento") para o que Sócrates diz fazer; neste, ele colocar na boca de Estrepsíades o verbo *hyperphrênein* ("pensar do alto", isto é, "menosprezar"). Assim, Estrepsíades acredita que Sócrates menospreza os deuses do alto, e não do chão.

ESTREPSÍADES:

Fui atacado pela doença dos cavalos, a devoradora. Mas me ensina um dos teus dois discursos, [245] aquele que não paga as contas; e eu prometo pelos deuses que te pagarei qualquer recompensa que exija de mim.

SÓCRATES:

Vais jurar por quais deuses? Porque, em primeiro lugar, os deuses não são moeda corrente entre nós.

ESTREPSÍADES:

Então pelo que jurais? Pelos sidáreos, como em Bizâncio²¹?

SÓCRATES:

[250] Queres saber claramente como as coisas celestiais realmente são?

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus, se é possível!

SÓCRATES:

E queres conversar com as Nuvens, nossas divindades?

ESTREPSÍADES:

Claro, quero muito!

SÓCRATES:

Então te senta neste sofá sagrado.

ESTREPSÍADES:

[255] Bom, já estou sentado.

²¹ Moeda cunhada em ferro usada em Bizâncio.

SÓCRATES:

Agora pega esta coroa.

ESTREPSÍADES:

Por que a coroa? Ai de mim, Sócrates, não me digas que ireis me sacrificar como Atamante²²!

SÓCRATES:

Não; isso tudo são coisas queque fazemos com os que estão sendo iniciados.

ESTREPSÍADES:

E eu, que ganho com isso?

SÓCRATES:

[260] Darás nó em pingo d'água, te tornarás uma matraca, biscoito fino. Mas fica quieto.

ESTREPSÍADES (*coberto de farinha por Sócrates*):

Por Zeus! Não vais me enganar: enfarinhado assim, vou me tornar um biscoito fino!

SÓCRATES:

Mister é que o velho homem guarde sacro silêncio e que escute a minha prece. O rei soberano, imensurável Ar, que mantém a terra suspensa, [265] e brilhoso Éter, e augustas deusas, as Nuvens, que enviam raios e trovões, subi, apareci no ar, ó senhoras, a este pensador!

ESTREPSÍADES:

Ainda não, ainda não, até que eu me tape para não me molhar. Que azar! Saí de casa sem uma capa!

²² Há possivelmente uma referência a uma tragédia perdida de Sófocles, *Atamante Coroado*, em que Atamante, casado com Néfele (Nuvem), quase é sacrificado.

SÓCRATES:

Então vinde, multi-honoráveis Nuvens, e mostrai-vos para este homem. Quer estejais sentadas nos cumes sagrados cobertos de neve do Olimpo, [270] quer nos jardins do Pai Oceano formeis sagrada dança com as Ninfas, quer retireis vossas águas das pias douradas das torrentes do Nilo, quer habiteis o lago Meótis, ou a rocha nevada de Mimas: escutai a minha prece, e recebei meu sacrifício, e sejais favoráveis aos ritos sagrados.

CORO:

[275] Eternas Nuvens, esplêndidas por nossa brilhante natureza orvalhada, elevemo-nos do ruidoso Pai Oceano para os picos das altas montanhas frondosas [280], para daí observarmos os cumes recortados no horizonte, e as frutas, e a sagrada terra irrigada, e os sons dos rios sagrados, e os rugidos ruidosos do mar; [285] e o incansável olho do Éter cintila com seus raios reluzentes. Dissipemos a nuvem aguada de nossas imortais formas e examinemos [290] a terra com olhos que veem longe.

SÓCRATES:

Ó grandemente veneráveis Nuvens, escutastes-me claramente clamar. (Fala para Estrepsíades) Ouviste a voz e o trovão que caiu ao mesmo tempo, temido como um deus?

ESTREPSÍADES:

Também vos venero, ó multi-honoráveis, e estou com vontade de peidar para os trovões; estou tremendo e morrendo de medo! [295] Se é lícito, aqui vai um pum; se não é lícito, quero cagar!

SÓCRATES:

Não zombes, nem faças o que fazem esses poetas tragicômicos, mas guarda silêncio: um grande enxame de deusas está em movimento com suas canções.

Luciano Heidrich Bisol, versos 298 a 456

CORO:

Ó virgens trazedoras da chuva, vamos ao reluzente solo de Palas, para